



revista adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

DOZE REGRAS PARA MANTER A UNIÃO ENTRE OS MEMBROS DUMA IGREJA

1. Devemos lembrar-nos de que todos estamos sujeitos a cair em faltas duma maneira ou doutra.

2. Devemos suportar as fraquezas dos outros, e não as fazer parecer maiores do que na realidade são.

3. Oremos uns pelos outros, sobretudo em particular.

4. Evitemos ir de casa em casa com o fim de ouvir notícias ou de nos intrometer nos negócios alheios.

5. Fechemos sempre os ouvidos a toda a maledicência e não façamos contra ninguém nenhuma acusação sem base.

6. Se um membro de igreja cair numa falta, falai com ele a sós antes de falar dela a outros.

7. Guardemo-nos de uma falsa reserva de uns para com os outros, e interpretemos sempre da melhor maneira possível toda a acção que tenha a aparência de oposição ou de ressentimento.

8. Devemos observar a justa regra de Salomão, isto é, abandonar a disputa, antes de ela ter começado.

9. Se um membro de igreja cometeu uma falta para convosco, considerai quanto é glorioso, quanto é segundo o carácter de Deus perdoar, e quanto o carácter vingativo difere do carácter cristão. Efésios 4:12.

10. É necessário lembrar-nos de que é sempre um grande artifício do diabo o excitar a animosidade entre os membros das igrejas, e o encorajar a frieza entre eles, e por isso devíamos velar cuidadosamente contra tudo o que favoreça os seus planos.

11. Consideremos quanto maior bem podemos fazer no mundo e sobretudo na igreja, quando somos unidos no amor, do que quando nutrimos um espírito contrário.

12. Enfim, é necessário considerar a injunção formal da Escritura e o belo exemplo de Cristo, no que respeita a estas coisas importantes. João 13:5, 35; Efés. 4:32; I Ped. 2:21 — Review and Herald, em Les Signes des Temps, Junho 1879.

“estai vós apercebidos”

TRANSMISSÕES RADIOFÓNICAS CLANDESTINAS NA U. R. S. S.

Várias são as entidades e organizações religiosas, incluindo as igrejas oficiais, que através da rádio difundem programas de elevação espiritual destinados aos habitantes dos países do Leste europeu.

Acontece com frequência que, para muitos crentes, estas transmissões representam o único meio de não se sentirem isolados e de alimentarem a sua fé.

Foi divulgada recentemente no Ocidente uma entrevista com três crentes da União Soviética. Dizem eles: «As transmissões de rádio são a única fonte de vida para o povo russo. Elas são escutadas pelo crente mais humilde e pelo mais alto funcionário do governo que, necessariamente, é ateu. Há muitos como Nicodemos, compreendendo altos funcionários do governo, que as escutam em segredo nos seus quartos. Enquanto esses escutam, há famílias inteiras de cristãos que se ajoelham e com muitas lágrimas oram e se regozijam com aqueles que fazem as transmissões. Cantam juntamente com eles. Numa aldeia, foi organizada uma pequena igreja de doze pessoas que antes nunca tinham participado numa reunião, nem haviam conhecido outros crentes. Foram convertidos pelas transmissões de rádio. — *Segni dei Tempa*

OS INDECISOS TÊM MAIOR DIFICULDADE EM ENFRENTAR A MORTE

Os religiosos profundamente crentes e os ateus convictos são os que enfrentam a morte com maior firmeza, explica um psiquiatra de Nova Iorque. As pessoas indecisas quanto às suas crenças são as que têm a maior dificuldade, observa o Dr. Ivan K. Goldberg.

A firmeza provém de uma crença inabalável, quer se baseie na fé de uma vida futura ou na certeza de que tudo termina com a morte. O Dr. Goldberg é professor associado de clínica psiquiátrica da Faculdade de Medicina e Cirurgia da Universidade de Columbia, E. U. A. Ele tem-se ocupado do problema de como lidar com as emoções das pessoas moribundas, e advoga com grande convicção o método de dizer toda a verdade ao doente, comunicando-lhe que vai morrer. «Há provas de que os doentes aos quais se diz que estão para morrer são capazes de enfrentar a situação me-

lhor». A atitude fundamental de quem se aproxima de um moribundo é escutar, acrescenta ele. «Havendo quem escute, o doente facilmente confessará que está inteirado da sua morte iminente, e frequentemente se manifesta disposto a falar dela. Pode, por exemplo, dizer que não renovará a assinatura de uma revista, ou que não comparecerá a um casamento, ou não assistirá à passagem do Novo Ano». — *Vida e Saúde*

REUNIÃO INDU NAS MARGENS DO GANGES

Cerca de dez milhões de indus apinharam o Ganges em Allahabad (o lugar mais sagrado) durante Kumble Mela — talvez a maior festa religiosa do mundo.

Baptizar e ser baptizado em qualquer ponto do Ganges é um sacramento para os Indus, mas fazê-lo em Allahabad é mais importante. Muitos acreditam que o baptismo no Ganges, e especialmente no lugar mais sagrado, assegura mais facilmente a salvação do que uma vida dedicada inteiramente à oração e à meditação.

Jesus, porém, disse: «Eu sou o caminho, a verdade e a vida». E Pedro reforçou: «E em nenhum outro há salvação, porque também, debaixo do céu, nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos» (S. João, 14:6; Actos, 4:12). — *Signs of the Times*

TRECHOS DA BÍBLIA NOS GRANDES PERIÓDICOS

Alberto Cárcamo, secretário regional das Sociedades Bíblicas Unidas, informa que, proximamente, se publicarão passagens bíblicas pelo menos num periódico de grande tiragem, em cada país ibero-americano. O plano é que tais publicações se façam pelo menos uma vez por mês e em dias especiais: Ano Novo, Sexta-feira Santa, Dia da Ressurreição, Dia do Trabalho, Dia da Mãe, Independência Nacional, Dia da Raça, Dia de Finados, Natal, e em três outras ocasiões imprevistas. Espera-se que, deste modo, apareçam trechos das Sagradas Escrituras em pelo menos 13.200.000 exemplares de diversos periódicos de língua espanhola e portuguesa. Naturalmente, o ideal seria que cada pessoa tivesse o seu próprio exemplar da Bíblia e o lesse diariamente. — *El Centinela*

SUMÁRIO

Doze Regras para Manter uma Igreja Unida
«Estai vós apercebidos»
1978 — Um Ano Decisivo
Poder-se-á Fazer Alguma Coisa a Respeito da Chuva Serôdia?
Estou Salvo, Salvo para Sempre?
Ano da Educação Adventista
A Urgência da Atribuição e Distribuição de Território
Preguei a Milhares na União Soviética
Testemunho Real
Um Novo Ano para os Jovens M. V.
As Três Dimensões da Escola Sabatina
Notícias do Campo
«Aqui Não Há Salvação»
O Uso de Gravuras e o Segundo Mandamento
Breves Notícias do Mundo Adventista

revista adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

Publicação mensal

JANEIRO 1978

ANO XXXIX

N.º 376

Director: ERNESTO FERREIRA

Administrador:

JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO

S. A. R. L.

Redacção:

R. JOAQUIM BONIFACIO, 17

LISBOA

Administração:

RUA SALVADOR ALLENDE,

LOTE 18, 1.º

SACAVÉM

Composto e Impresso na
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.
Alam. D. Af. Henriques, 1 - C - Lisboa

Preços:

Assinatura Anual 70\$00
Número avulso 7\$00

ESTRANGEIRO: além do preço de assinatura, os portes são a cargo do assinante.

1978 — UM ANO DECISIVO

Ao iniciarmos este ano de 1978, estamos convencidos de que ele será um ano decisivo na história do Movimento Adventista em Portugal, se, inteiramente submissos à direcção divina, todos nos dedicarmos com entusiasmo à tarefa que nos foi confiada.

Necessitamos de cobrir rapidamente o nosso país com a Mensagem Adventista. Isso só será possível com o envolvimento de todos os obreiros assalariados e demais membros de igreja num plano sistemático de evangelização.

Temos, em primeiro lugar, as campanhas evangelísticas propriamente ditas, que esperamos ver realizadas durante os próximos meses em todas as igrejas. A propósito, desejamos comunicar aos nossos leitores que se encontra em estudo a formação de uma equipa de evangelização que se dedique a realizar campanhas não só onde já existem igrejas, mas também em novos lugares.

1978 será um ano de intenso treino dos membros para o trabalho de evangelização — com o funcionamento de cursos de preparação; com a participação activa dos pastores em equipas constituídas por um obreiro e um membro leigo; com a publicação de literatura apropriada para o efeito.

Os nossos leitores sentir-se-ão felizes ao tomar conhecimento de que se estão preparando alguns folhetos de choque, com mensagens e apresentação actuais, e uma nova colecção de folhetos, abarcando os diferentes aspectos da Mensagem Adventista, em substituição da velha colecção que tem estado em uso constante há já mais de vinte anos.

1978 foi designado como sendo o Ano da Educação Adventista. Esperamos que seja um ano de grandes vitórias neste domínio. Para isso contribuirão: a criação de Sociedades de Pais em todas as igrejas onde ainda não existem; o estudo sistemático do livro do ano

«O Lar Adventista», a sair em breve, a preço excepcionalmente módico; a ministração regular nas nossas igrejas de Cursos de Bíblia para os alunos que não frequentam escolas adventistas; a assistência espiritual aos estudantes universitários; a aplicação prática dos princípios do Espírito de Profecia nas escolas que já possuímos; a abertura de novas escolas primárias onde o seu funcionamento seja possível.

1978 deverá ser também um ano em que se verifique a integração de todos os membros retornados nas nossas igrejas. Muitos retornados há que frequentam as igrejas mas não se encontram ainda registados como seus membros. Outros vivem isolados e necessitam de ser contactados e assistidos espiritualmente, devendo os seus nomes figurar no registo da Igreja da Associação. Outros ainda, devido a dificuldades e tentações originadas na situação dramática da sua vida, deixaram de frequentar regularmente qualquer igreja. Todos precisam da nossa compreensão, carinho e assistência espiritual.

Em 1978 atingiremos o número de 5000 membros. Esse número será facilmente alcançado com a admissão de todos os retornados cujos nomes ainda não figuram nos registos das nossas igrejas. Mas há mais: 1978 será um ano de grande número de baptismos se todos nós trabalharmos na maior operação de sementeira jamais efectuada em Portugal. A sementeira depende inteiramente de nós — da nossa visão, do nosso esforço, do nosso amor. A colheita a Deus pertence, mas podemos estar certos de que, se fizermos a nossa parte, Deus não nos deixará decepcionados.

Que 1978 seja um ano de grandes vitórias para o Movimento Adventista em Portugal e de glória para Aquele que ansiosamente aguardamos — na Sua vinda e no Seu reino.

Ernesto Ferreira

Poder-se-á fazer alguma coisa a respeito da Chuva Serôdia?

Fernando Chaij

Uma vez que o Espírito Santo é uma bênção que, se for «reclamada com fé, traz consigo todas as demais bênçãos» (*Obreiros Evangélicos*, p. 285) e desde que sem os poderosos aguaceiros da chuva serôdia não há absolutamente qualquer esperança de se concluir a obra de Deus, o título deste artigo põe em foco uma pergunta muito importante: Poderemos fazer alguma coisa a respeito da chuva serôdia?

A resposta é um positivo SIM. Consideremos estas poucas linhas da pena inspirada: «Quando tivermos sincera e inteira consagração ao serviço de Cristo, Deus reconhecerá esse facto mediante um derramamento do Seu Espírito sem medida; isto, porém, não terá lugar enquanto a maior parte da igreja não estiver colaborando com Deus». — *Evangelismo*, p. 699 (o itálico é nosso). Por outras palavras, esta momentosa experiência que traz consigo a finalização da nossa tarefa terrestre e a concretização da nossa maior esperança não pode ocorrer colectivamente enquanto «a maior parte da igreja» não demonstrar «sincera e inteira consagração ao serviço de Cristo» e não o revelar pela sua atitude de estar «colaborando com Deus».

Estarei eu embaraçando o plano do Céu e retardando a vinda de Cristo? Ou estarei engrossando as fileiras dos que trabalham em inteira consagração dentro da igreja, fazendo com que tal grupo se torne maior, de modo que Deus possa derramar o Seu Espírito sem medida?

Não há dúvida de que uma vida de testemunho activo motivado por um transbordar de Cristo no coração é uma importante condição a ser alcançada. Apressará o abençoado dia em que os chuviros do poder de Deus cairão, não como acontecimentos isolados, mas como uma experiência geral e contínua para a igreja como um todo. Dessa maneira a Terra será iluminada pela glória de Deus.

Mas uma outra condição é requerida para se conseguir alcançar esse objectivo. A chuva serôdia não poderá vir sem que primeiro se manifeste a chuva temporã. Aquela última não surtirá bom efeito se a temporã não tiver caído e preparado a semente em germinação, que deve estar sazoadada para que se proceda à colheita. Diz a serva do Senhor: «Muitos têm em grande medida deixado de receber a chuva temporã». — *Testemunhos para Ministros*, p. 507. «Podemos estar certos

de que, quando o Espírito Santo for derramado, os que não receberam nem apreciaram a chuva temporã, não verão nem compreenderão o valor da chuva serôdia». — *Testemunhos para Ministros*, p. 399.

Isto significa que a maior parte dos cristãos individuais deve ter respondido inteiramente e sem reservas ao poder convincente do Espírito Santo, de maneira que se torne um poder inerente à sua vida, produzindo frutos e purificando, e uma tremenda força que atraia os pecadores para o pé da cruz, prendendo-os ali efectivamente e fazendo-os voltar-se para Jesus como no Pentecostes. A menos que haja um Pentecostes pessoal na vida dos ministros e da maior parcela do povo de Deus, não haverá chuva serôdia para finalizar a nossa tarefa evangelizadora no mundo.

E a que se refere Ellen White quando trata de uma experiência individual de chuva temporã? Responde ela própria: «Deve o coração ser esvaziado de toda a mancha, purificado para habitação do Espírito». — *Testemunhos para Ministros*, p. 507.

Talvez alguém faça notar que o facto é um círculo vicioso. Não podemos receber a plenitude do Espírito, o baptismo do poder de Deus, a menos que sejamos purificados de toda a mancha e esvaziados do eu. (Contudo, «ninguém se pode esvaziar a si mesmo do eu. Somente podemos consentir em que Cristo execute a obra [naturalmente mediante o Seu Santo Espírito]». — *Parábolas de Jesus*, p. 159).

É nesta altura que surge a terceira importante condição para ser cheio do Espírito Santo: sentir necessidade d'Ele e orar ardentemente pela Sua presença contínua no coração. «Uma vez que este é o meio pelo qual havemos de receber poder, porque não sentimos fome e sede do dom do Espírito?» *Actos dos Apóstolos*, p. 50.

«Onde quer que a necessidade do Espírito Santo seja um assunto de que pouco se pense, ali se verá sequeidão espiritual, escurecimento espiritual, declínio e morte». — *Ibidem*.

Sim, mas como podemos sentir fome e sede do Espírito? Não podemos chegar a isso pela força. Há algum tempo, caiu um avião nas elevações dos Andes. Vários membros da tripulação morreram de inanição. A fome dos sobreviventes era tão intensa que chegaram ao extremo desumano de comer parte da carne dos seus companheiros mortos, e

Estou salvo, salvo para sempre?

Alberto Nunes

O signatário não tem a possibilidade de, no espaço desta coluna, apresentar todos os versículos das Escrituras relacionados com o assunto em epígrafe, mas têm sido tão constantes as solicitações nesta matéria que não foi possível deixar de escrever as linhas que se seguem.

A Bíblia contém grandiosas promessas para os crentes que persistem em consagrar-se ao Senhor. Diz a Epístola aos Efésios que nós fomos selados (cap. 4:30). O selo referido subentende alteração de condições e, assim sendo, torna válido o contrato que se estabelece entre o homem e Deus. Conforme João 10:28, 29, ninguém pode arrebatá-lo da crente das mãos de Deus. Rom. 8:35-37 confirma o pensamento, acrescentando que ne-

desse modo continuaram a viver até que os seus salvadores os encontraram. Aquela era uma fome real.

Podemos sentir profunda necessidade do Espírito no mesmo grau em que uma pessoa faminta sente a necessidade de alimento? Sim, podemos. Mas este é outro milagre da graça de Deus que só pode ser operado em nós mediante um contacto diário vivo com Deus e com Cristo através da oração secreta e pela leitura e meditação das mensagens de Deus nos escritos do Espírito de Profecia e na Bíblia. A única maneira de dar ao Senhor uma oportunidade de criar em nós esta abençoada fome e sede de justiça é passando tempo suficiente todos os dias a sós com Ele no jardim da oração e no estudo da Palavra.

A Palavra de Deus, que é a espada do Espírito, corta o seu caminho até ao próprio coração da nossa natureza egoísta, convene-nos dos nossos pecados, fraquezas e erros, cria em nós uma compreensão do nosso estado desesperado, faz-nos cair de joelhos, levá-nos ao pé da cruz, dá sentido real e profundidade às nossas orações e prepara-nos para a acção purificadora e modificadora do Espírito Santo. Neste sentido, (1) o eu é subjulgado, não há mais disputa por títulos e honrarias; (2) o pecado é descoberto e vencido; (3) o coração é cheio de amor, alegria, paz, e dos demais frutos do Espírito; e (4) o nosso desejo supremo é terminar a tarefa dada por Deus, seja qual for a nossa ocupação na vida. Esta experiência, repetida diariamente, conduz-nos-á à primeira chuva e preparar-nos-á, bem como o restante da igreja, para a chuva final. ▽

numa perseguição, perigo, angústia, etc., poderá separar o cristão de Jesus. Este é o compromisso de Deus, e a parte divina no contrato, e Deus jamais falhará. Os homens, porém, falham com frequência diante dos seus compromissos com Deus, daí numerosos textos bíblicos a admoestar à vigilância, a combater o bom combate, a tomar o escudo da fé. Deste modo falhando como filhos de Deus, como poderemos nós pensar em entrar no Seu reino?

No fim deste pensamento, encontramos na carta aos Hebreus, 10:35-39: «Não rejeiteis pois a vossa confiança, ...mas o justo viverá da fé; e, se ele recuar, a Minha alma não tem prazer nele». Hebreus 6:4-6 complementa perfeitamente esta ideia quando diz: «Porque é impossível que os que já uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se fizeram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa Palavra de Deus, e as virtudes do século futuro, e recaíram, sejam outra vez renovados para arrependimento...» Caim, Saul, Judas, Ananias e Sáfira, Demas — Pedro, mesmo a um passo da perdição — não são todos eles exemplos que provam à sociedade o que o Velho Testamento codificou em Ezequiel, 18:24: «Mas, desviando-se o justo da sua justiça, e cometendo a iniquidade, ...no seu pecado com que pecou morrerá?»

Paulo compara a experiência cristã a uma luta: «Mas esmurro o meu corpo, e o reduzo à servidão, para que, pregando aos outros, eu mesmo não venha de alguma maneira a ficar reprovado. «Há portanto o perigo da rejeição. Podemos ser imprudentes ao ponto de ficar separados para sempre de Deus (I Cor. 9:27). «Conservai o que tendes, até que Eu venha» Apoc. 2:25.

Logo, porque dizer: estou salvo, tenho a vida eterna? Não será isso presunção em vez de fé? Gostaria de terminar esta coluna com este magnífico parágrafo do livro Parábolas de Jesus, pág. 155: «Nunca se deve ensinar aos que aceitam o Salvador, conquanto sincera a sua conversão, *que digam ou sintam que estão salvos. Isto é enganoso...* Os que aceitam a Cristo e dizem em sua primeira confiança: *estou salvo!* estão em perigo de depositar fidedignidade em si mesmos. Perdem de vista a sua fraqueza e necessidade constante do poder divino. Estão desapercibidos para as ciladas de Satanás... Somos advertidos: *Aquele, pois, que cuida estar em pé, olhe não caia. A nossa única segurança está na constante desconfiança de nós mesmos e na confiança em Cristo.* ▽

ANO DA EDUCAÇÃO ADVENTISTA

Na reunião anual do Conselho da Associação Portuguesa, que teve lugar de 14 a 16 de Dezembro último, foi decidido adoptar e transmitir às igrejas, através da *Revista Adventista*, as seguintes resoluções, recentemente tomadas pela Conferência Geral para 1978, Ano da Educação Adventista.

1 — OBJECTIVOS

1. Sublinhar o valor e a necessidade de levar avante a educação adventista em todo o nosso território, fomentando por este meio uma maior unidade na igreja.

2. Realçar a contribuição do programa educacional da igreja para o desenvolvimento do movimento adventista.

3. Promover uma formação sólida, tendo em vista um programa de testemunho e expansão evangelística conducente a uma maior participação da comunidade escolar da igreja no movimento adventista de evangelização mundial.

4. Estabelecer para o futuro objectivos espirituais, académicos, de recrutamento e de expansão, concentrando a atenção na realização desses objectivos.

5. Identificar os pontos fortes e os pontos fracos no actual sistema educativo adventista e apontar as principais carências verificadas na Associação ou na União, no que respeita a escolas primárias, secundárias e instituições de ensino superior, acentuando os valores espirituais a todos os níveis de educação.

6. Dar um novo impulso à educação adventista, em colaboração com os dirigentes do campo, que seleccionarão os projectos específicos necessários e proverão assistência financeira relativa a equipamento e instalações.

2 — LEMA

O lema proposto pelo Departamento da Educação da Conferência Geral é «REDENÇÃO POR MEIO DE CRISTO NA EDUCAÇÃO.»

3 — LIVRO

O «livro do ano» escolhido para 1978 é «O LAR ADVENTISTA», que já existe em português. Este livro poderá ser estudado em todas as igrejas com a ajuda de um guia (pequeno manual de estudo).

4 — CONFERÊNCIAS E ARTIGOS

Far-se-á em cada país um esforço especial no sentido de dar a conhecer ao público os nossos princípios de educação adventista, por meio de conferências, artigos publicados em revistas não-adventistas, etc.

5 — REVISTA ADVENTISTA

A *Revista Adventista* e as suas congéneres noutros países reservarão pelo menos uma página cada mês, durante todo o ano de 1978, à promoção do Ano da Educação Adventista. Os departamentos de Educação da Divisão e da União encarregar-se-ão de fornecer notícias das nossas escolas, com fotografias das actividades escolares, testemunhos de antigos alunos e artigos de Ellen G. White.

6 — VINHETA

Adopta-se o modelo de vinheta autocolante da Divisão Euro-Africana, impressa nas diferentes línguas da União, podendo ser utilizada durante todo o ano de 1978.

7 — VISITAS ÀS IGREJAS

Encorajam-se os grupos de alunos de cada escola a visitar as igrejas com apresentação de um programa especial que ponha em evidência o valor da educação adventista.

8 — «STAND»

Colaborar-se-á na organização de um «stand» destinado a tornar público o valor da educação adventista e as actividades do Departamento da Educação, no Congresso Internacional da Juventude, em Lausana, Suíça, em Julho deste ano.

9 — OFERTAS

São atribuídas ao programa de educação a seguintes ofertas especiais:

1. De acordo com o plano da Conferência Geral, a oferta do quinto sábado de cada trimestre, destinada às escolas primárias das igrejas e à promoção do departamento de educação local. Este plano deve ser aplicado em todos os campos da União;

2. A oferta do Dia da Educação, prevista uma vez por ano, para o seminário de cada campo.

10 — SOCIEDADES DE PAIS

Propõe-se que se continue a encorajar a criação de sociedades de pais em cada igreja, quer esta tenha, quer não, uma escola, promovendo reuniões regulares mensais ou trimestrais para discutir assuntos importantes sobre a educação das crianças. É necessário não esquecer a recomendação para que se estude o livro «Educação», de Ellen G. White, durante o ano de 1978-1979.

11 — EDUCAÇÃO NOS PRIMEIROS ANOS DA INFÂNCIA

1. Reconhece-se que, na filosofia da educação adventista, os primeiros anos da criança devem ser um processo de crescimento contínuo e um programa equilibrado de desenvolvimento físico, intelectual, espiritual, emotivo e social, desde o nascimento até ao início da escolaridade. Este conceito de educação baseia-se nos princípios seguintes:

a) Os pais têm a primeira responsabilidade na educação da criança. Deuteronómio 6:4-9, *A Educação da Criança*, pp. 169-174.

b) Os pais têm a responsabilidade e o privilégio de prover conscientemente as melhores condições de educação no lar, e isso de um modo natural, preparando assim a criança para entrar na escola, ajudando o seu desenvolvimento físico e emotivo. Deuteronómio 6:4-9, *Educação*, p. 208.

c) A educação ministrada na escola de igreja é uma extensão da educação dada no lar cristão. «Os nossos rapazes e meninas são preparados na escola do lar para frequentar a escola de igreja quando atingem a idade apropriada para se associarem mais intimamente com outras crianças.» — Ellen G. White, Ms. 54-03.

d) A escola de igreja faz parte do sistema de educação adventista, o qual é em si mesmo parte integrante da Igreja Adventista do Sétimo Dia. *Educação*, pp. 15, 16.

2. Recomenda-se aos nossos pastores que promovam o estudo, no lar e em grupos, de literatura adventista apropriada, como *Orientação da Criança* e *O Lar Adventista*, livros que ajudarão os pais na educação dos seus filhos.

12 — LIVROS DE TEXTO DE ESTUDO DA BÍBLIA

Recomenda-se que se relembre a necessidade de adoptar os livros de texto propostos pela Conferência Geral.

13 — CURSOS DE BÍBLIA NAS IGREJAS

Recomenda-se que se organizem, a nível das igrejas, cursos de Bíblia para os jovens que frequentem escolas públicas (primárias ou secundárias), aproveitando o material proposto pela Conferência Geral como livros de texto. Os textos e temas são apropriados à idade e ao nível de educação de cada grupo.

14 — ASSEMBLEIAS LOCAIS DE PROFESSORES E CURSOS DE VERÃO

Recomenda-se que se organizem, em cada campo, assembleias de professores a nível local. No que diz respeito aos cursos de Verão, há que fazer o possível para que esses cursos sejam organizados e comecem a funcionar nos nossos seminários, contribuindo assim para o bem dos nossos irmãos, obreiros e professores.

15 — CRIAÇÃO DE CENTROS DE CULTURA

Recomenda-se a criação de centros de cultura nas nossas igrejas, em colaboração com o Departamento da Juventude e o Centro Universitário, a fim de se poderem oferecer cursos gratuitos ou a um preço económico. Esses cursos podem ser de línguas, de dactilografia, de música ou ainda outras matérias. Seria bom organizar uma biblioteca e uma sala de leitura.

16 — ABERTURA DE NOVAS ESCOLAS

Recomenda-se a abertura de novas escolas de igreja, sempre que as circunstâncias sejam apropriadas, de acordo com os princípios estabelecidos no manual de organização preparado pelo Departamento de Educação da União Sul-Europeia. ▽

A Urgência da Atribuição e Distribuição de Território

Por George E. Knewles

A posição do pastor na igreja é semelhante, em muitos aspectos, à do presidente de uma associação. Vejamos algumas das semelhanças: ambos são administradores; ambos têm de ter interesse em incentivar o desenvolvimento do programa total da igreja; ambos têm a responsabilidade de uma área geográfica específica; ambos são responsáveis pela direcção das actividades de um corpo de obreiros.

Consideremos, em particular, os últimos dois pontos. Todo o presidente de associação conhece o território sob a sua jurisdição. Reconhece, também, a responsabilidade que tem de dirigir a força de obreiros da associação. Por vezes, nas suas múltiplas actividades, o pastor local esquece com facilidade a responsabilidade que tem em relação com todo o território e concentra-se em alguns pontos focais. Por vezes, também, esquece que tem à sua disposição uma força substancial de obreiros — os membros da sua igreja.

Duas coisas têm de ser feitas para criar uma força de obreiros que seja produtiva: ensinar-lhes como começar e dizer-lhes onde começar.

«Muitos teriam boa vontade de trabalhar, se lhes ensinassem a começar». (*Serviço cristão*, p. 59).

«A cada um que se ajunta às fileiras mediante conversão, deve ser designado o seu posto de dever». (*Ibid.* p. 74).

Um pastor-administrador sábio não passará por alto a importância de dividir o território total por que é responsável, entre as famílias da igreja, de tal maneira que cada uma tenha uma área específica da sua responsabilidade.

Depois de ter apresentado o conceito de atribuição de território ao conselho da igreja, o pastor pode trabalhar com o conselho de actividades leigas para estruturar as divisões do território. Os limites podem ser traçados em dois mapas idênticos. Um dos mapas pode ser guardado como cópia permanente no escritório. O outro devia ser recortado em segmentos, segundo a linha limitrofe de cada zona.

Cada território pode ser designado por um número; à medida que se vão fazendo as atribuições às famílias, o nome da família responsável por um determinado território pode ser colocado junto ao número respectivo no mapa principal.

Tem sido acalentador ver como os nossos membros aceitam bem os territórios

quando esta responsabilidade é colocada diante deles no contexto da terminação da obra.

A apresentação dos territórios pode ser o ponto mais elevado de um serviço de Sábado profundamente espiritual. Os membros podem ser convidados a vir à frente para receber a sua responsabilidade territorial. Ao mesmo tempo que se entrega o território, é ideal entregar-se também uma lista contendo os nomes das pessoas vivendo nesse território e que manifestaram interesse na nossa mensagem.

O apelo aos nossos membros é que comecem em primeiro lugar a orar pelas pessoas no seu território. Ao mesmo tempo, devem começar a planear o que poderiam fazer para alcançar essas pessoas com Cristo e a Sua mensagem. Este método dá lugar aos diferentes dons possuídos pelos vários membros do corpo de Cristo. Diferentes famílias poderão usar diferentes métodos ao trabalhar nos seus territórios. Mas há uma poderosa motivação na atribuição de um território específico. E quando o povo de Deus aceita a tarefa e começa a orar por pessoas específicas num território específico, alguma coisa começa a acontecer.

O território total a atribuir a uma família deve ser determinado dividindo o território total da igreja em partes iguais, conforme o número de famílias da igreja.

Em muitas áreas, a proporção entre o número de habitantes e o número de membros será assustadora. Apesar disso, aconselhamos fortemente a que todo o território seja atribuído. Foi-nos comandado por Deus levar a mensagem a toda a criatura em toda a parte e temos de começar.

Uma subdivisão do território total atribuído a cada família pode ser escolhida para uma sementeira e um cultivo intensivos. Mas os interesses despertados pela rádio, TV, literatura, etc., devem certamente ser seguidos, mesmo que se encontrem fora dos limites da subdivisão seleccionada para ser cultivada intensivamente.

Duas ou mais famílias podem decidir trabalhar em conjunto num território, num sábado de tarde ou num domingo, como fazem os agricultores quando se ajudam mutuamente. As equipas de visitação podem ser formadas por marido e mulher, mãe e filho, (ou filha), pai e filho (ou filha), irmão e irmã, etc. Há por vezes vantagem quando se reúnem membros de duas famílias em grupos de duas senhoras ou de dois homens.

Não é fácil esquecer a hora de visitação quando temos um compromisso com alguém exterior ao nosso círculo familiar. Os mais velhos e os inválidos podem ser incluídos em projectos como escrever cartas, telefonar, ou orar.

À medida que novos membros forem sendo adicionados à igreja, os territórios existentes podem ser subdivididos, a fim de providenciar campos de trabalho para as novas famílias.

O seguimento de interessados em todo o território e o trabalho de casa-em-casa na parte do território seleccionado para cultivo intensivo, produzirão aberturas para estudos bíblicos. Quando uma família já tem um número suficiente de contactos que possa atender de forma adequada, os nossos excelentes cursos por correspondência podem ser usados para cuidar de novos interesses que surjam.

Todas as actividades agora existentes na igreja florescerão ainda mais no contexto da atribuição de territórios.

Entre os métodos que têm tido êxito encontram-se os inquéritos religiosos na comunidade, saúde, temperança, rádio-TV, revistas missionárias, distribuição de literatura, biblioteca para empréstimo (usando livros aprovados pela denominação ou cassetes), inscrições para os cursos por correspondência, beneficência, aula bíblica com vizinhos, escolas sabatinas filiais, e muitos outros.

Algumas igrejas estão a relatar que 100 por cento dos seus membros têm recebido um território específico. Já há baptismos como resultado do trabalho dos membros feito nas suas áreas respectivas.

A atribuição de território é um conceito bíblico ampliado no Espírito de Profecia. É animador ver os resultados da sua implementação: Em vez de ser sempre o mesmo punhado de fiéis a fazer o trabalho missionário da igreja, uma maioria dos membros torna-se activa. Certamente que isto não se consegue sem esforço, mas o esforço compensa.

Começar um tal programa requer organização. Tem de haver treino prático no local de trabalho e tem de ser designado um território específico directamente a cada uma das famílias da igreja. Tem de haver objectivos bem definidos e um sistema de relatar, de inspirar e de supervisionar.

Este programa parece estar a florescer nos campos em que as classes da escola sabatina funcionam como unidades missionárias. Uma parte dos dez minutos missionários é usada para relatar, instruir e inspirar. Não parece ser essencial ao êxito do programa que os membros de uma determinada classe da escola sabatina tenham territórios circun-jacentes. O que é importante é que todos

tenham território e que todos estejam envolvidos.

A seguir ao lançamento deste programa, a direcção da igreja deve continuar a trabalhar para alcançar o objectivo final de envolvimento total. As visitas pastorais às famílias da igreja podem tornar-se muito relevantes com este objectivo em mente.

A responsabilidade da direcção está claramente definida no seguinte conselho inspirado: «Ensinem os ministros aos membros da igreja que, a fim de crescer em espiritualidade, eles devem levar o fardo que o Senhor sobre eles pôs — o encargo de conduzir almas à verdade. Aqueles que não estão fazendo face às suas responsabilidades devem ser visitados, orando-se e trabalhando-se com eles». (*Ibid.*, pp. 69, 70).

«A Urgência da Atribuição e Distribuição de Território»

(Esquema para ajudar a efectivação do plano)

1. O pastor apresenta o conceito bíblico da atribuição de território.
2. O pastor trabalha com o conselho missionário:
 - a) Arranjam-se dois mapas do território total da igreja;
 - b) Os mapas são divididos em secções equilibradas, segundo o número de famílias e grupos de dois membros isolados (membros cujas famílias não pertencem à igreja);
 - c) As secções são numeradas (de 1 a ...) nos dois mapas;
 - d) As secções são recortadas de um dos mapas;
 - e) Prepara-se uma lista de possíveis interessados por cada uma das secções (contactos da Campanha das Missões, de campanhas públicas de evangelização, da Semana de Extensão Missionária, etc.).
3. Durante dois sábados seguidos, faz-se a explanação deste conceito nos dez minutos missionários e no culto.
4. No terceiro sábado, depois de uma reunião de culto muito espiritual e curta, os membros são convidados a vir à frente, como segue:
 - a) Cada família, ou grupo de duas pessoas, é chamada separadamente;
 - b) O director missionário faz a entrega da secção do território e da lista de pessoas interessadas correspondentes à primeira família, ou grupo;

(Continua na pág. 14)



Preguei a milhares na União Soviética

Durante o mês de Maio, a minha esposa e eu tivemos a grande alegria de visitar várias igrejas e contactar com um grande número de adventistas do sétimo dia na União Soviética, durante a nossa extensa viagem por aquele interessante país. Em cada cidade que visitámos foi-me dada a oportunidade de pregar a Palavra de Deus na igreja. Embora não saibamos exactamente quantos crentes assistiram a essas reuniões, sabemos que foram milhares. A notícia da nossa visita tinha-se espalhado a muitas igrejas e a todos os lugares de reunião.

O número elevado de assistentes deveu-se em parte ao excelente serviço de transportes agora existente na União Soviética. Não custa mais viajar ali de avião do que de comboio. Vieram adventistas de perto e de longe para desfrutar o convívio com os irmãos e ouvir a música inspiradora e a mensagem das Escrituras. Era evidente que

para eles tinha um grande significado o facto de nós representarmos a direcção mundial da igreja.

Viajámos com um visto turístico, mas, quando submetemos o nosso requerimento às autoridades, declaramos a minha posição de vice-presidente da Conferência Geral, juntamente com o facto de que tencionávamos contactar algumas igrejas adventistas durante a nossa visita. Em Moscovo e em várias outras cidades, tive conversações com personalidades ligadas aos assuntos religiosos, quer a nível nacional, quer local, representando o Conselho para os Assuntos Religiosos, que funciona sob a direcção do Conselho de Ministros da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Fui cordialmente recebido em toda a parte, obtendo a garantia de que não havia qualquer objecção a que eu visitasse as igrejas adventistas e nelas dirigisse a palavra.

Esta foi a minha segunda visita à União Soviética, mas admito com convicção que o meu conhecimento daquele país e das condições ali existentes é ainda muito limitado. Num artigo breve, é praticamente impossível conseguir dar um quadro completo da nossa igreja e de tudo aquilo que a afecta naquele imenso país. As suas quinze repúblicas socialistas soviéticas cobrem um sexto da superfície terrestre do nosso globo e abrangem uma extensão de 22 410 000 km². Isto representa mais de duas vezes a superfície dos Estados Unidos. Estendem-se ao longo de onze fusos horários. Quando a noite cai em Provideniya, no extremo oriental, a manhã do mesmo dia está ainda a despontar nas margens do Báltico, a ocidente.

A igreja não tem uma organização central oficial desde que foi dissolvida a Divisão Adventista do Sétimo Dia da União Soviética durante a vigência de Estaline, em 1930.



Um grupo de obreiros da União Soviética que assistiram a uma importante reunião em Moscovo, na qual tomou a palavra o Pastor Alf Lohne, vice-presidente da Conferência Geral, que se vê no centro da fotografia, ao lado da esposa

Alf Lohne

Portanto, não conhecemos o número exacto de crentes adventistas naquele país. Sabemos, no entanto, que, entre os seus 255 milhões de habitantes, há dezenas de milhares de crentes nossos. Encontram-se espalhados desde as fronteiras com a Polónia e a Roménia, no ocidente, até Kamchatka, no oriente, e desde a Sibéria, ao norte, até à República de Tadzshik, na fronteira com o Afeganistão, ao sul. Desconhece-se praticamente a apostasia na maioria das igrejas adventistas.

A nossa viagem começou em Moscovo, a capital. Dali fomos para Alma-Ata, no sul, junto à fronteira com a China. Nesta cidade, famosa pela prática dos desportos de Inverno, e nos seus arredores, temos muitos crentes. Foi uma alegria reunirmo-nos com eles e partilhar com eles a mensagem da Bíblia. Frunze e Tashkent foram outras cidades que visitámos na Ásia Central. Para o norte, chegámos até Riga, e, para o oci-



Jovens do coro da igreja de Lvov dão as boas-vindas ao casal Lohne, com apertos de mão e ramos de flores



Anciãos e candidatos ao baptismo na igreja de Simperopol, junto de um cartaz comemorativo do 90.º aniversário da Obra Adventista na Crimeia

dente, fomos até às cidades de Kiev, Lvov e Chernovtsy.

Os crentes adventistas na União Soviética reúnem-se regularmente para as reuniões de oração no meio da semana e na sexta-feira à noite, as quais são igualmente bem frequentadas. Além disto, reúnem-se para o estudo da Bíblia e os serviços de culto no sábado de manhã. Nalguns lugares reúnem-se ao sábado de tarde em vez de ser à sexta-feira à noite. Um obreiro adventista, cujo pai foi pioneiro da obra na U. R. S. S., e que não só cresceu e se desenvolveu na nossa mensagem, como está bem informado acerca da sua história, escreveu o seguinte, dirigindo-se à Conferência Geral, a respeito da nossa visita:

«Sem exagero, posso dizer que esta visita é um acontecimento histórico na vida da nossa igreja neste país. Os adventistas nunca aqui tiveram reuniões tão grandes como as que se realizaram durante estas semanas. Os nossos hóspedes da Conferência Geral viram com os seus próprios olhos os milhares de membros que assistiram às reuniões regulares e especiais. Foram saudados com indizível alegria pelos membros e obreiros de igrejas vizinhas e, por vezes, de igrejas distantes (até de 4000 km!), que vieram assistir aos serviços. E os que vieram agradeceram a Deus a corrente de ar fresco trazido às nossas igrejas.»

Os muitos membros que chegavam às reuniões não podiam caber dentro dos edifícios onde se pregava. Mas a atitude hospitaleira e extrema cordialidade do povo russo prontamente resolveram todos os problemas levantados com a inesperada afluência. Tudo foi feito com calma e ordenadamente, sem reclamações nem insatisfações. Num lugar, em vez de se trazerem mais cadeiras, que continuariam a não chegar para todas as pessoas, os bancos foram retirados da igreja, para que o

maior número possível pudesse assistir de pé. Apesar disso, durante os serviços (alguns dos quais chegaram a durar quatro horas!) nunca vimos ninguém abandonar o local.

Esta maneira de ficar de pé durante as reuniões não é nada de novo noutras partes do mundo. Na Igreja Ortodoxa, ainda hoje é prática corrente. No entanto, para nós foi uma experiência nova ver carregar os bancos para fora em vez de ver trazer mais cadeiras para acomodar as pessoas! Em relação com isto, foi-nos agradável saber que algumas das nossas igrejas tinham planos para ampliar os seus edifícios e que as autoridades tinham dado autorização para o fazerem. Em Chernovtsy já estavam em andamento obras de ampliação.

Não é necessário dizer que para nós foi também uma grande alegria saudar um tão grande número de crentes na União Soviética e pregar-lhes a Palavra de Deus. Ninguém me disse o que devia pregar, por isso escolhi assuntos espirituais que senti serem uma necessidade para a minha própria alma. Tive um tradutor excelente na pessoa do pastor Michael Kulakov, e a comunicação com as pessoas foi imediata, encontrando uma resposta pronta.

A maioria dos crentes tinham a Bíblia e podia-se ver que estavam familiarizados com as Escrituras. A minha esposa teve também oportunidade de falar em diversas igrejas, sendo bem recebidas as saudações por ela apresentadas, da parte de irmãs adventistas de outras regiões do mundo. Após os serviços, muitas vezes comíamos com obreiros e anciãos de igreja. Por toda a parte verificámos a famosa hospitalidade do povo russo.

Oferta de pão e sal

Um costume simples, mas belo, causou em nós uma profunda impressão. Antes de chegar à porta duma casa aonde tínhamos sido convidados, alguém segredou que devíamos esperar alguns minutos; alguma coisa ainda não estava preparada no interior da casa. Então demos uma volta pelo jardim, admirando a beleza das flores e das árvores até que a porta da casa se abriu. Todas as mulheres da família saíram, seguindo o exemplo da dona da casa. Esta presenteou-nos com um pão de fabrico doméstico envolvido num pedaço de tecido fabricado manualmente, juntamente com um pequeno recipiente contendo sal. Trata-se de um velho gesto de hospitalidade e simpatia, tradicional na Ucrânia, usado para dar as boas-vindas aos convidados. Como isto aconteceu próximo do fim da nossa viagem, trouxemos o pão connosco para fora do país e dividimo-lo com amigos de outras partes do mundo, ao mesmo tempo que lhes falávamos da nossa inesquecível visita aos crentes soviéticos.

A música desempenhou uma parte importante nos serviços. Em todas as igrejas ouvimos excelentes coros e boa música com solos de instrumentos, solos e duetos vocais, conjuntos de sopro e grupos que tocavam guitarra eléctrica. Essa música elevou a inspiração e o nível agradável das reuniões. Os dirigentes do bem ensaiado coro e da orquestra apresentaram música de excelente qualidade. Notava-se não somente que havia talento, mas também que se tinha dedicado muito amor e muito trabalho à preparação daqueles números notáveis. Em mais de um lugar vimos e ouvimos coros mistos compostos de 60 ou mais participantes.

Os crentes faziam muitas perguntas acerca da nossa igreja noutras parte do mun-

do, assim como acerca de alguns pontos das doutrinas e práticas adventistas. Os irmãos interessavam-se especialmente por estes assuntos. Como a minha esposa tinha dirigido saudações às irmãs, estas rodeavam-na naturalmente depois das reuniões e no intervalo entre as mesmas, disparando perguntas de interesse especial para elas. Cada um de nós procurava responder ao maior número de perguntas possível.

Por intermédio dos delegados da União Soviética que assistiram à sessão da Conferência Geral em Viena, os crentes tinham sabido dos progressos da obra até àquela altura. Agora queriam pôr-se em dia com o desenvolvimento posterior do Evangelho, como é pregado pelos adventistas.

Um número cada vez maior de turistas visitam anualmente a União Soviética. Em toda a parte os víamos. As suas necessidades são eficientemente atendidas pelo Departamento de Viagens e Turismo, dirigido pelo Estado. Tivemos guias bem treinados e cultos, falando bom inglês. Receberam-nos nos aeroportos, levaram-nos aos nossos hotéis, providenciaram o transporte e tomaram a seu cargo vários outros pormenores de maneira eficiente.

O país tem muita beleza natural para oferecer, um colorido folclore, impressionantes monumentos históricos de um passado tumultuoso e de uma cultura rica e antiga, mais mil outras coisas. Por toda a parte abundam exposições científicas, museu e galerias de arte.

Como é de esperar, nem todas as coisas são perfeitas; e, com em qualquer país, não é difícil encontrar ali coisas que se desejaria que fossem diferentes. A Igreja Adventista do Sétimo Dia na Rússia tem os seus problemas, mas é uma igreja viva, uma igreja que funciona, uma igreja que dá testemunho da sua fé e

que, acima de tudo, se está preparando para a segunda vinda do Senhor. Todos os crentes com que entrámos em contacto enviam as suas afectuosas saudações cristãs aos irmãos e irmãs de todo o mundo. Estão unidos a nós na fé, na esperança e no amor.

Encontrar-nos-emos de novo

No meio de um grupo de adventistas reunidos para se despedirem de nós, em certa cidade, notei um homem idoso. Não falava nenhuma língua que eu compreendesse e eu só podia dizer poucas pa-

lavras na língua dele, mas, quando lhe estendi a mão, envolveu-me com os braços e, à boa e velha maneira russa, beijou-me em ambas as faces. Fiz-lhe a mesma coisa e depois, apontando para cima, repeti uma das poucas expressões que aprendi na sua língua: «Adeus, até que nos encontremos de novo!» Ele compreendeu, pois apesar de ter lágrimas nos olhos, um cáldido sorriso iluminou o seu rosto e repetiu as minhas palavras, ao mesmo tempo que apontava igualmente para cima.

Sim, encontrar-nos-emos de novo. Oh, como espero e anseio por esse dia! △

Testemunho real

O irmão Axelson tem uma doença para toda a vida. Está condenado a deslocar-se apenas de cadeira de rodas e depender sempre de alguém para poder viver. Um jovem de trinta anos, alto e louro. O seu olhar vivo, acentuado por uns olhos azuis, testemunha a firme resolução de nunca capitular na sua vida.

Mas como se pode ainda esperar ser útil a Deus e ao semelhante com os quatro membros paralisados como resultado de um acidente grave? Como empregar utilmente essas longas horas do Inverno escandinavo, que parecem eternizar-se, matando de tédio? Fazer colportagem, impossível. Pregar na praça Hotorget, no centro de Estocolmo, onde cada um pode espor publicamente as suas ideias? Sim, mas, com a continuação, tornar-se-ia uma espécie de espectáculo para o público.

O irmão Axelson tomou então a decisão de aprender a pintar... com a boca! De início, foi difícil e desanimador. É preciso ajustar bem o pincel entre os dentes e dar à cabeça um movimento alternado de cima para baixo ou da esquerda para a direita. Este género de exercício, no fim de alguns minutos, cansa muito os olhos e os músculos do pescoço. Mas após vários anos de esforço e perseverança, ele conseguiu pintar convenientemente animais e paisagens! No entanto, não considera a pintura uma finalidade.



O irmão Axelson na sua cadeira

Vai servir-se dela para testemunhar a favor do Evangelho.

Tendo anteriormente trabalhado na corte real da Suécia, decidiu enviar um dia um dos seus quadros ao rei Gustavo VI. Comovido com a recordação do testemunho do irmão Axelson, o jovem rei fez um donativo de 1000 coroas (moeda sueca), no Outono passado, à Igreja Adventista, para a Campanha das Missões.

Que exemplo de fé, de perseverança, de santa audácia e imaginação! A sua vida é uma ilustração daquela bela declaração de E. G. White: «Talento usado, talento multiplicado. O êxito não é resultado do acaso, nem do destino; é a operação da providência de Deus, a recompensa da fé e discricção, da virtude e do esforço perseverante.» — *Parábolas de Jesus*, pág. 353.

Quando e como evangelizaremos nós aqueles que nos governam?

H. e G. Rasolofomasoandro

A URGÊNCIA DA ATRIBUIÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE TERRITÓRIO

(Continuação)

- c) O secretário missionário toma nota, no mapa principal, do nome da família na secção respectiva;
 - d) A assim por diante, até ao último grupo disponível.
5. Que fazem as famílias, ou grupos, com o território que lhes é atribuído?
- a) Oram pelas pessoas que vivem no seu território;
 - b) Começam a fazer planos para alcançar essas pessoas com Cristo e a Sua mensagem;
 - c) Passam a visitar sistematicamente, casa a casa, todas as famílias no seu território (começar pelos possíveis interessados):
 - Usando diferentes tipos de literatura;
 - Empréstando, ou oferecendo, livros (*Aos Pés de Cristo, O Desejado, O Grande Conflito, Patriarcas e Profetas, Parábolas de Jesus, etc.*);
 - Fazendo a «Apresentação do Evangelho» onde for conveniente (ver «Como Testemunhar de Cristo»);
 - Estudando a Bíblia com pessoas interessadas, usando como base «A Bíblia Responde»;
 - Formando classes baptismas, com base no manual «A Fé de Jesus», ou outro qualquer;
 - d) Comprometem-se a visitar todas as famílias no seu território, no mais curto espaço de tempo. (Este deve ser calculado pelo Conselho Missionário em consulta com a família ou grupo).
6. Logo que uma determinada família tiver o número de estudos bíblicos de que possa incumbir-se adequadamente (dois ou três), devem inscrever-se em cursos por correspondência as outras pessoas interessadas que venham a surgir no seu território;
7. O pastor ou o ancião devem visitar frequentemente as famílias da igreja, com o objectivo da participação, do envolvimento e da incentivação de todos os membros na obra de evangelizar o território total da igreja.

Um Novo Ano para os Jovens M. V.

O início de um novo ano é sempre motivo para meditação. Meditação acerca do uso que fizemos do tempo que o Senhor nos concedeu e que talvez não usámos tão correctamente como devíamos. «Somos advertidos a remir o tempo. O tempo esbanjado nunca poderá ser recuperado. Não podemos fazer voltar atrás nem sequer um momento. A única maneira de poder remir o nosso tempo, consiste em utilizar o melhor possível o que nos resta, tornando-nos coobreiros de Deus em Seu grande plano de redenção» *Parábolas de Jesus*, pág. 342.

Que cada jovem saiba aproveitar, pois, cada dia, empregando-o na sua preparação pessoal (estudo e trabalho), na meditação da Sua palavra (ano bíblico, meditação matinal), no auxílio aos outros (trabalho missionário e de assistência).

Um equilibrado aproveitamento dos nossos talentos fará com que nos sintamos felizes, realizados, e um dia ouviremos as palavras consoladoras «Bem está, bom e fiel servo».

Alguém escreveu:

Tome tempo para pensar — é a força do poder;
Tome tempo para se recrear — é o segredo da eterna juventude;
Tome tempo para orar — é o maior poder sobre a terra;
Tome tempo para amar e ser amado — é um privilégio dado por Deus;
Tome tempo para ser amigo — é a estrada da felicidade;
Tome tempo para rir — é a música da alma;
Tome tempo para dar — o dia é muito curto para ser egoísta;
Tome tempo para o trabalho — é o preço do sucesso.

Que o ano de 1978 seja um ano de bênçãos e vitórias para a Juventude Adventista Portuguesa.

J. Morgado

AS TRÊS DIMENSÕES DA ESCOLA SABATINA

Há três razões fundamentais para o funcionamento da Escola Sabatina. A primeira é-nos lembrada pelo termo tantas vezes aplicado à Escola Sabatina — a Igreja dedicada ao estudo. A Palavra de Deus deve ocupar a melhor parte do tempo em que os crentes estão reunidos. Nunca menos de 30 minutos devem ser dedicados ao estudo da lição. A marcação das presenças, relatório de actividades, etc., não devem ser incluídos nesses 30 minutos. Muitas variações e inovações têm, muitas vezes, roubado tempo ao estudo da lição. Alguns novos directores nem sabem ao certo o que pode ser incluído numa Escola Sabatina. Pois, até novas instruções, o programa modelo proposto para as nossas Escolas Sábatinas é o seguinte:

Oração silenciosa e hino	5 minutos
Oração	2 »
Leitura do relatório	3 »
Cântico ou número especial	3 »
Anúncios do director	2 »
Cinco Minutos Especiais:	

1.º Sábado — Escolas Filiais,
Escola Cristã de Férias e
Dia das Visitas

2.º Sábado — Fundo de Investimento	
3.º Sábado — Melhoramentos da Escola Sabatina	
4.º Sábado — Aniversariantes	
Boletim Missionário (Contado) ...	10 minutos
Divisão das Classes	
Recapitulação e introdução da lição do dia	3 »
Lição do dia	30 »
Marcação de presenças, oferta, relatório do trabalho missionário	3 »
O director da Escola Sabatina, o director e o secretário das Actividades Laicas sobem ao estrado. O director da Escola Sabatina cede a palavra ao director das Actividades Laicas	
Programa Missionário	10 »
Hino e Oração	4 »

A segunda grande razão é levar cada crente a participar na obra mundial das Missões. O nosso alvo é levar a Mensagem do Advento a *todo* o mundo para que o Senhor venha sem demora. A Escola Sabatina cumpre este objectivo, primeiro, lembrando-nos através do boletim missionário os milagres que se repetem ao redor do mundo e, seguidamente, através da recolha das ofertas, que são o grande sustentáculo da Obra Adventista.

A propósito do levantamento da oferta, para completo esclarecimento, foi recentemente aprovado em todos os escalões da nossa Organização o seguinte voto:

«Conforme recomendação da União e da Divisão, intensificar mais uma vez nas nossas igrejas a prática de levantar duas ofertas durante as nossas reuniões de Sábado: uma durante a Escola Sabatina e outra durante o culto. Esta segunda oferta é para ser usada para o orçamento da igreja, de acordo com o plano de orçamento preparado para o respectivo ano, excepto em dias especiais quando for designada para um propósito especial pelo calendário mundial da Conferência Geral, ou pela União ou pela Divisão.»

A última razão, mas não menos importante, é a de tornar cada Escola Sabatina numa agência ganhadora de almas.

Num futuro breve, contamos voltar a escrever um desenvolvimento sobre este aspecto desta grandiosa instituição.

J. B. Santos

PLANO DE ACTIVIDADES M. V. PARA 1978

- Fevereiro 11 — 18 — Semana de Oração M. V.
- Fevereiro 18 — Dia M. V.
- Fevereiro 19 — Encontro - confraternização M. V. a nível nacional, em Tomar
- Março 24-26 — Encontro «Páscoa 78» na região de Lisboa
- Março 27-30 — Encontro de dirigentes M. V. na Costa de Lavos
- Março 31 a 2 Abril — Encontro «Páscoa 78» na região norte
- Abril 30 a 1 de Maio — Encontro Musical em Coimbra
- Julho 25 a 29 — Congresso Internacional da Juventude em Lausana (Suíça)
- Julho 25 a 3 Agosto — Acampamento de Tições
- Agosto 7-17 — Acampamento de Desbravadores
- Agosto 21-31 — Acampamento de Jovens



O casal de obreiros com os novos irmãos de Santarém

IGREJA DE SANTARÉM

Domingo, 30 de Outubro de 1977. Ainda não eram 18 horas, mas na sala de culto já não havia cadeiras vazias, apesar de quatro dias antes terem sido compradas mais 30 cadeiras. Sem sombra de dúvida, esta foi a maior de todas as enchentes da história da nossa jovem igreja. Tudo foi ocupado por pessoas, incluindo o corredor central. Foi mesmo necessário afastar as cortinas da montra, para que as pessoas, que já não tinham lugar na sala, pudessem ver, na rua, através da mesma.

Certamente, na vossa mente surgiu, já, esta pergunta: «Por que razão registou, nesse Domingo, a Igreja de Santarém, a maior de todas as suas enchentes? «Porque cinco preciosas almas, e algumas delas com uma história bem comovedora, foram baptizadas. Sim, nesse dia, foram baptizadas as irmãs Elisa da Silva Belfo; Maria Amélia da Silva Lobo; Arminda da Soledade Mendes Gouveia e os irmãos Manuel Eduardo Gouveia e José João da Silva Lobo. Todas estas almas são fruto do nobre trabalho do irmão José Alves Pacheco, que, como representante evangelista nesta cidade, não se poupa a esforços, para encontrar almas que desejam receber a visita do obreiro local, a fim de receberem estudos bíblicos.

Mas os louros da vitória pertencem 100 por cento ao nosso Bom Deus, pois, não fora a acção do Seu Espírito nos corações destas

almas, teria sido inútil o esforço humano. A Ele, pois, e somente a Ele, toda a honra, todo o louvor e toda a glória!

Cada uma destas almas que deixou o mundo para viver para Cristo teria certamente uma história interessante para nos contar. Todas elas poderiam falar-nos do milagre da sua conversão. Na impossibilidade de falar de todas, quero todavia trazer ao conhecimento dos leitores da Revista Adventista algumas histórias que me parecem mais significativas.

A Irmã Elisa da Silva Belfo desde a idade de 8 anos que sofria de uma terrível enfermidade espiritual. Tentou tudo para se tratar, mas sem quaisquer resultados. Chegou mesmo, em Angola, a consultar o conhecido padre Lima, que era exorcista nesse país. Mas esse sacerdote foi também incapaz de resolver o seu problema.

Foi para ela um motivo de grande alegria quando, pela primeira vez, entrou em contacto com o povo que guarda o Sábado. Pediu para ser visitada. Queria saber mais da Bíblia. Depois de ter experimentado tudo, a Palavra de Deus era a sua última esperança. Começara os estudos bíblicos. Durante algum tempo, nada de anormal. Porém, certo dia, Elisa disse-me que tinha uma grande mágoa. Perguntei-lhe qual era a causa dessa mágoa. A irmã Elisa então disse-me o seguinte: «Pastor, a minha mágoa é porque não consigo

orar. Já muitas vezes tentei, mas há um poder estranho que me impede de falar com Deus através da oração». Eu disse-lhe que não havia razão para estar triste, pois havia muitos adventistas já baptizados há vários anos e nunca conseguiram orar em público. Elisa então disse-me: «Pastor, não se trata da oração em público, trata-se da oração secreta. Quando estou só, em minha casa, já tentei orar como oram na igreja e não consigo pronunciar palavra». Eu disse-lhe: «Hoje a irmã vai experimentar e vai ver que consegue». Ajoelhámos. Elisa começou a orar, pediu pelo marido, pela filha, mas quando ia a começar a pedir por ela, foi projectada bruscamente para o chão. Tem convulsões tremendas. Se falávamos de Jesus ou líamos a Bíblia, as convulsões eram ainda mais violentas. A sua filha, que estava presente com o seu namorado, assustados, fugiram da sala e deixaram-me sozinho. Senti que estava lutando com as forças das trevas. Clamei ao Senhor por socorro. Em seguida ordenei ao espírito imundo que, em nome de Jesus, deixasse Elisa. Algumas convulsões terrivelmente violentas, mas alguns instantes depois tudo voltou à normalidade. E, pela primeira vez na vida, Elisa orou ao Senhor de uma forma bela, sem ser perturbada do princípio ao fim. Confirmado o diagnóstico, fui aconselhando progressivamente a Elisa o tratamento indicado na Palavra de Deus. Ela compreende que só em Jesus Cristo pode encontrar o remédio para curar o seu mal. Ofereceu, por isso, o seu coração ao Grande Médico. Este foi o primeiro passo no caminho da cura. Compreendeu também o valor da obediência, e começou, na medida das suas possibilidades, a pôr a sua vida de harmonia com os Mandamentos do Senhor. Destruiu todas as imagens de escultura que tinha em casa. Na cabeça de uma pequena imagem de Fátima estava uma coroa amarela. Na ocasião em que destruiu a mesma, arrancou-lhe a coroa, que por esquecimento deixou ficar no bolso do avental. Passados alguns dias, ao meter a mão no bolso, descobriu que ainda ali estava a coroa. Esmagou-a e deitou-a para a rua. Cerca de oito dias depois, após ter decidido baptizar-se, a mesma coroa apareceu-lhe dentro de casa, no seu quarto, junto da cama. Assustou-se muito. Foi chorar para junto da filha. Pensou que talvez tivesse feito mal ao destruir as imagens de escultura. Ficou com receio de ter pecado. Telefonou-me

dizendo que tinha urgência em falar comigo. Parti imediatamente para sua casa para saber o que se passava. Entretanto, Elisa orou pedindo ao Senhor que a ajudasse. E o Senhor respondeu-lhe com Isaías 30:21, 22 «...Este é o caminho, andai nele, sem vos desviardes nem para a direita nem para a esquerda. E terás por contaminadas as coberturas das tuas esculturas de prata, e a coberta das tuas esculturas fundidas de ouro; e as lançarás fora como um pano imundo e dirás a cada uma delas: Fora daqui!».

Com uma resposta divina tão clara, Elisa ficou calma. Compreendeu que o Senhor aprovara tudo o que tinha feito. Estava dado o segundo passo no caminho da vitória.

Foi pedida a ajuda a todos os membros da Igreja. Durante algumas semanas foram feitas reuniões matinais em seu favor, na sala de culto, as quais terminaram com um Sábado de jejum e oração. Elisa esteve na Igreja sexta-feira à noite, até cerca da uma hora da manhã. Sábado de manhã levantou-se para ir assistir à Escola Sabatina e ao culto, mas teve que voltar imediatamente ao leito, pois não conseguia manter-se de pé. Nesse Sábado, as forças das trevas estavam verdadeiramente furiosas contra aqueles que oravam e jejuavam em favor de Elisa. No meio do culto eu fui atacado como nunca tinha sido antes. Durante alguns segundos fiquei completamente afônico, sem haver qualquer razão que justificasse a perda súbita da voz. A congregação ficou assustada e arrepiada. Embora continuasse de pé, na tribuna, ninguém conseguia ouvir-me. Sei que muitas orações silenciosas foram feitas ao Senhor, em meu favor, nesse momento. O Senhor respondeu prontamente. Alguns instantes depois, a minha voz ficou de novo límpida e clara como se nada tivesse acontecido. Louvado seja o Senhor! A minha prova durou apenas alguns instantes, tal como tinha pensado quando subitamente perdi a voz e por essa razão recusei sentar-me, certo de que o Senhor iria intervir rapidamente. Assim já não aconteceu com Elisa, que sofreu muito nesse Sábado, mas apesar de tudo soube manter-se firme e confiante nas promessas do Senhor. A sua fé foi recompensada, pois a partir desse dia nunca mais sofreu de quaisquer perturbações. Estava atingida a última fase da sua cura. Louvado seja o Senhor! Finalmente, em 30 de Outubro último, foi baptizada. Hoje é feliz em Jesus Cristo.

José João da Silva Lobo tem apenas 18 anos. Um dia, em casa, entre os livros do seu pai, que é licenciado em Ciências Económicas e Financeiras, descobriu uma

Bíblia católica, versão do Padre António Pereira de Figueiredo. Leu algumas porções da mesma. Depois orou: «Senhor, ajuda-me a encontrar o teu povo nesta Terra. Envia um dos teus mensageiros à minha casa para que eu possa reunir-me ao teu povo». O Senhor respondeu à oração deste humilde jovem. Algum tempo depois, o irmão José Alves Pacheco batia à porta da sua casa, oferecendo as nossas publicações, ao mesmo tempo que dava testemunho da sua fé. José João compreende que este é o mensageiro que tinha pedido a Deus. Começa a estudar a Bíblia com entusiasmo. Começa a assistir aos cultos. Passado algum tempo, inscreve-se na Classe Baptismal. Ele tinha encontrado o povo do Senhor, em marcha para a Canaã Celestial. E em Outubro findo uniu-se a esse povo, ao ser sepultado nas águas baptismas. José João veio a este mundo para ser um mensageiro do Senhor. Está fazendo o Curso Secundário para depois partir para um dos nossos Seminários, a fim de aí estudar Teologia. Que o Senhor possa abençoar a sua nobre decisão. Graças ao seu testemunho no lar, a sua mãe, Maria Amélia Lobo, decidiu também preparar-se e foi baptizada no mesmo dia em que foi o seu filho. Bendito seja o Senhor!

Manuel Eduardo Gouveia é um outro caso interessante. Eduardo é também um jovem, tem apenas 26 anos. No início da sua adolescência perdeu o pai. A sua mãe, católica piedosa, colocou o filho no Seminário de Fátima. Eduardo

estudou seis anos nesse Seminário, mas ao fim desse tempo interrompeu os estudos, regressou a Pombal, sua terra natal, onde aprendeu o ofício de mecânico dentista. Veio depois trabalhar para Santarém. Passado algum tempo, o irmão José Alves Pacheco vendeu-lhe alguns dos nossos livros. Mais tarde, o nosso representante evangelista voltou a visitar Eduardo e convidou-o a assistir aos cultos na nossa igreja. Entretanto Eduardo casou. A sua jovem esposa, sendo católica sincera, não era muito de acordo que o marido frequentasse a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Ela conseguiu o seu objectivo durante algum tempo, mas, finalmente, Eduardo conseguiu vencer a resistência que a esposa lhe impunha; e, um certo Sábado de Fevereiro do ano passado, foram ambos à igreja. Gostaram e voltaram mais vezes. Pedem para estudar a Bíblia no lar. Finalmente, em 30 de Outubro último, ambos foram também baptizados. Louvado sejam o Senhor por mais esta vitória.

Estimados leitores da Revista Adventista, orai pela igreja de Santarém. Orai para que possamos ter uma nova sala de culto. Estamos já demasiado apertados. Aos Sábados temos muitas dificuldades para acomodar tantas pessoas, e isso perturba a reverência que deve ser observada na sala de culto. Maranata!

Santarém, 26 de Dezembro de 1977.

António Gameiro

IGREJA DE BRAGA

Anteontem, sábado dia 5 de Novembro, da parte da tarde, seriam umas 3 horas, juntamente com o Pastor Ferreira fomos à igreja do Porto ao encontro do casal Garrido: nosso objectivo era que eles viessem connosco a Braga, onde os iríamos apresentar oficialmente à igreja daquela cidade. Assim se fez. Quando estávamos todos no carro, iniciámos a viagem rumo à capital do Minho.

Entre o Porto e Braga o percurso não é longo — uns 50 quilómetros que rapidamente se escoam, sobretudo quando a viagem é feita com boa disposição e alegre conversação — Porto-Braga. Em 1974, o Pastor Ferreira e eu fizemos exactamente a mesma jornada, com o fim de vermos a possibilidade da abertura de uma Sala de Culto na velha Bracara Augusta. Pouco mais de três anos são decorridos, e de novo estamos a caminho de Braga, levando connosco, desta feita, um casal de obreiros, a quem ficará

confiado mais particularmente o trabalho em Braga: o Irmão Garrido e a Irmã Ana Rosa Garrido, recém-chegados do Seminário de Collonges. Nesta fria tarde de Novembro, não pude deixar de sentir o calor do entusiasmo e da alegria percorrendo o meu espírito.

Quando chegámos, a igreja estava repleta. Muitas pessoas tiveram de ficar de pé por manifesta falta de espaço para se poderem sentar. Na tribuna tomaram lugar o Pastor Ernesto Ferreira, o signatário, o Irmão Evangelista Garrido e o Anção da Igreja: Ir. Manuel Mendes. Depois do hino e da oração, o Pastor Ferreira tomou a palavra e, no seu sermão, exaltou a pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo, considerando o Seu Sacrifício no Calvário e fazendo apelo para que todos nós, particularmente nos nossos sacrifícios pela fé, saibamos viver à altura do sacrifício do Senhor. Em seguida procedeu-se à cerimónia de apre-

AQUI NÃO HÁ SALVAÇÃO

«Aqui não há salvação, senhor», disse o velho sentado na soleira da porta da sua casa em Floriana, na ilha de Malta. «A salvação já se foi embora há muito tempo», continuou ele.

A sua resposta foi provocada pela minha pergunta acerca do paradeiro do Exército da Salvação, que eu sabia ter estado instalado naquela vizinhança em 1966-1967, quando fiz serviço no Hospital Naval Real de Bighi, em Malta. As restantes visitas a outros grupos protestantes poderiam ter conseguido a mesma resposta — «Não há salvação». Cada grupo tinha sido forçado, por uma razão ou por outra, a fechar as portas do seu lugar de culto.

Como novo evangelista enviado pela Associação Italiana, eu queria entrar em contacto com outros grupos protestantes para ver se me podiam dar algum conselho prático sobre a maneira de conseguir autorização para trabalhar e residir no país. As únicas pessoas que ainda lá estavam eram os ministros da Igreja da Inglaterra e da Igreja da Escócia, que não tinham nenhuma dificuldade com as respectivas autorizações por as suas igrejas já ali estarem estabelecidas há muito tempo.

O Pastor K. F. Taylor, director da Escola da Voz da Profecia in-

glesa, teve a amabilidade de me fornecer uma lista de aproximadamente 250 pessoas que tinham completado cursos de Bíblia ou de Saúde durante os últimos doze anos. A minha mulher e eu, com o nosso filho de dois meses, fomos para Malta no dia 28 de Outubro de 1976, a fim de iniciar a obra adventista naquelas ilhas. No entanto, apenas possuímos vistos de turistas, enquanto os nossos pedidos de fixação de residência estavam sendo examinados pelo departamento maltês de Imigração. Oficialmente, não estávamos autorizados a trabalhar com aqueles vistos, mas consegui mesmo assim contactar com algumas pessoas que tinham completado cursos da Voz da Profecia. Mostraram ainda interesse que será possível acompanhar. A «Bíblia» e a «Saúde» são dois assuntos de grande interesse actualmente.

A nossa maior alegria foi o convívio com um jovem casal maltês, Charlie e Jessie Mallia que, tendo emigrado para a Austrália, se baptizaram enquanto ali estiveram e depois regressaram a Malta. Tanto eles como nós ficámos extremamente desapontados quando soube-mos que o nosso requerimento para trabalhar e residir tinha sido indeferido.

Não nos foi dada nenhuma explicação para a recusa. Procurámos in-

sentação do novo obreiro residente. O Irmão Garrido desceu da tribuna e foi postar-se junto à mesa da Escola Sabatina, acompanhado então por aquela que será a sua companheira nas alegrias e tristezas do ministério. Algumas palavras de exortação e encorajamento foram elevadas do púlpito, tendo em vista a colaboração igreja-obreiro na obra de edificação da fé e do evangelismo. Logo depois procedeu-se à chamada de todas as famílias, membros individuais e, depois, das visitas, para os cumprimentos e saudações recíprocas ao novo casal de obreiros, começando pelo Irmão Mendes e Esposa, seguindo-se, por ordem alfabética, todos os restantes membros da igreja. Um após outro, todos vieram à frente saudar os seus novos dirigentes espirituais: vieram os de Barcelos, os de Braga, os de Vila Verde, os de Arcos e Monção; quase todos estavam presentes. Momentos particularmente sentidos foram quando as nossas visitas — algumas de-

las a dois passos do baptismo — vieram também cumprimentar os nossos irmãos Garrido. Com muita dignidade e respeito, mas também com uma santa alegria cristã, esta cerimónia serviu para unir ainda mais os laços do amor cristão reinante naquela igreja. Finalmente, o Pastor Garrido agradeceu, em seu nome e no da sua esposa, a carinhosa recepção que lhes foi prestada e fez votos para que, por meio da cooperação mútua, todos possam progredir espiritualmente e muitas almas sejam ganhas para Jesus naquelas paragens minhotas.

A igreja de Braga conta presentemente mais de 50 membros na Escola Sabatina, estando incluídos neste total 35 almas baptizadas. Em breve será uma igreja independente.

Possa a experiência Braga-77 repetir-se muitas vezes por todo o Portugal, são os votos sinceros deste vosso irmão em Cristo.

J. M. Matos

formar-nos junto do departamento da Imigração do gabinete do Primeiro-Ministro e soube-mos que a decisão tinha partido de uma comissão de três pessoas no Comando da Polícia. Visitei o referido departamento e fiquei a saber que a tal comissão era composta de um inspector de polícia, um comissário assistente e o próprio comissário em pessoa. Descobri também que a polícia tinha um processo a meu respeito com a espessura de mais de um centímetro. Este incluía fotocópias da nossa correspondência, vários apontamentos e comentários.

A polícia, embora cordial, foi inflexível em exigir a nossa retirada e prevenindo-nos acerca das consequências de trabalharmos sem autorização.

Dado que a situação era impossível de resolver durante o tempo concedido pelos nossos vistos, tivemos que deixar Malta. Partimos de barco, em direcção a Siracusa, demorando-nos primeiro na Sicília e presentemente em Florença.

Com o Dr. G. Rossi, director do Departamento da Liberdade Religiosa da Associação Italiana, voltei a Malta para falar com os oficiais da polícia. A associação Italiana fez respeitosamente notar aquelas autoridades que a constituição de Malta concede liberdade de religião, a qual está sendo negada aos membros da nossa igreja, a quem não é permitido ter um ministro da sua religião que lhes preste assistência espiritual. As respostas da polícia foram evasivas, evitando comentários. As cartas do Dr. Rossi ao Presidente, ao Primeiro-Ministro e aos oficiais de polícia foram respondidas com a declaração de não estar em causa nenhuma transgressão aos direitos básicos do homem no tocante à liberdade religiosa e que, consequentemente, se mantinha a decisão da polícia.

E agora, quanto ao futuro? É difícil dizer. A Divisão Euro-Africana, a União Sul-Europeia e a Associação Italiana não desistiram da luta. Estão a ser explorados outros meios para abrir o trabalho naquelas ilhas. Os irmãos Mallia sentem-se emocionados por trabalhar na obra de Deus num tempo como este e agradecem o apoio das vossas orações.

A «salvação» pode ter-se «ido embora há muito tempo», mas sabemos que «... Agora é chegada a salvação, e a força, e o reino do nosso Deus, e o poder do seu Cristo...» (Apocalipse 12:10). Oramos para que a força destas palavras possa em breve ser sentida nas Ilhas Maltesas.

Richard J. B. Willis

caixa de perguntas

O USO DE GRAVURAS E O SEGUNDO MANDAMENTO

Não constituirá uma transgressão do segundo mandamento o uso de gravuras para ilustrar livros ou revistas ou para facilitar o ensino da Escola Sabatina? Apresentam a Palavra de Deus ou o Espírito de Profecia algo de positivo a esse respeito? — F. M.

A Sagrada Escritura é bem clara acerca da proibição do culto das imagens.

De um modo particular, somos advertidos a não tentar fazer qualquer representação da Divindade, a quem homem algum jamais viu: «Guardai pois com diligência as vossas almas, pois semelhança nenhuma viste no dia em que o Senhor vosso Deus em Horeb falou convosco do meio do fogo, para que não vos corrompais, e vos façais alguma escultura, semelhança de imagens, figura de macho ou de fêmea», (Deut. 4:15, 16).

Por outro lado, o próprio Deus ordenou que fizessem duas imagens de querubins para se colocarem sobre a arca no lugar santíssimo do santuário e se desenhasses querubins no véu que separava o lugar santo do lugar santíssimo. (Êxodo 26:31-33). Querubins se encontravam também lavrados nas paredes interiores do templo erigido por Salomão. (2 Crón. 3:7).

É interessante notar que o Senhor mandou levantar no deserto uma serpente de metal, que devia ser apenas um símbolo do Salvador vindouro. Mas quando o povo começou a adorar a serpente, o piedoso rei Ezequias cumpriu um acto digno de elogio destruindo essa imagem, que se tinha tornado objecto de idolatria. (2 Reis 18:4).

Daqui se conclui que a proibição das imagens (de escultura, pintura, ou de outra natureza) está associada ao seu culto, não tendo sido sempre condenada a sua confecção quando afastado o perigo de serem adoradas.

Se o simples facto de fazer imagens de escultura ou qualquer outra semelhança de criaturas, sem o mínimo intuito de adoração, fosse uma transgressão do segundo mandamento, teriam de se excluir, como transgressão, as estátuas das praças das nossas cidades e as fotografias dos nossos amigos e parentes, o que — devemos reconhecer — constituiria extremismo absurdo.

Quando E. G. White visitou a Europa, de 1885 a 1887, encontrou pessoas que tinham semelhantes ideias. A seu respeito escreveu: «Alguns condenavam as gravuras, insistindo em que são proibidas pelo segundo manda-

mento, e que tudo dessa espécie fosse destruído. Esses homens unilaterais nada podem enxergar senão aquela coisa única que se lhes apresenta ao espírito, e nela insistem. Anos atrás tivemos de defrontar esse mesmo espírito e obra. Surgiram homens alegando ter sido enviados com a mensagem de condenar as gravuras, e insistindo em que toda a semelhança de qualquer coisa fosse destruída... O segundo mandamento proíbe o culto das imagens; Deus mesmo, porém, empregou figuras e símbolos para apresentar aos Seus profetas lições que queria que eles transmitissem ao povo, e que assim melhor seriam compreendidas do que se fossem dadas de outro modo. Ele apelou para o entendimento através do sentido da vista.» — *Mensagens Escollidas*, vol. II, pág. 319.

Numa carta datada de 1897, escreveu E. G. White: Sinto-me preocupada quanto ao uso das gravuras em nossas publicações. Algumas das nossas revistas parecem inclinadas a usá-las a tempo e fora de tempo. E algumas das chapas são de qualidade inferior, e ilustram pobremente os assuntos representados. Espero que as nossas publicações não venham a assemelhar-se a um almanaque cómico. Eu não condeno absolutamente o emprego de gravuras, mas usemos menos, e apenas as que forem boas ilustrações do assunto... Não tenho objecção a que escolhais algumas gravuras que sejam boas. Que as ilustrações sejam bem escolhidas, de preferência a serem numerosas».

— Carta 28a de 1897. Apud *Counsels to Writers and Editors*, pág. 171.

Pelos textos a seguir transcritos vemos que a ênfase é posta, não em que se não publiquem gravuras, mesmo de Jesus Cristo, mas em que essas gravuras não sejam indignas dos assuntos que pretendem ilustrar.

«As ideias de muitos quanto às coisas que pertencem à obra de Deus são demasiado baixas. Na selecção de gravuras para ilustrar coisas santas, tem-se mostrado uma deficiência de sabedoria que Deus não pode aprovar.» — Carta 39, de 1899. *Ibid.*, pág. 171.

«Muitas das gravuras feitas são grosseiramente falsas no que respeita à verdade. Gravuras tão distantes da verdade não darão voz a falsidades? Desejamos ser verdadeiros em todas as nossas representações de Jesus Cristo. Mas muitos dos miseráveis bonecos publicados em nossos livros e revistas são uma violência imposta ao público.» — Carta 145, de 1899. *Ibid.*, pág. 171.

A propósito, convém recordar que a própria E. G. White fez ilustrar alguns de seus livros com gravuras representando personagens bíblicas, incluindo a de Jesus Cristo.

Do que acabamos de ver podemos concluir que a adoração de imagens ou de outras representações de Deus ou de Suas criaturas deve ser evitada. Mas tanto a Bíblia como o Espírito de Profecia, que como Adventistas acatamos, tornam bem claro que o simples uso de gravuras para ilustrar livros ou revistas ou para facilitar o ensino da Escola Sabatina não constitui transgressão do segundo mandamento.

E. F.

Campeão da Colportagem em Espanha

As vendas de colportagem continuam a subir em Espanha. Antolin Diestre, que se classificara como o melhor colportor estudante em 1976, com 2 700 000 pesetas, realizou, durante o último Verão, vendas no valor de 3 000 000 de pesetas, equivalendo aproximadamente a 1 500 000\$00.

Colportores Estudantes na Itália

Sessenta e oito colportores estudantes, o maior grupo que já trabalhou durante o Verão, na Itália, foram divididos em equipas de 6 a 10 membros e instalaram-se em Nápoles, Livorno e outras cidades grandes. Partilharam as despesas, a alimentação e o produto das vendas. O plano completo obteve êxito, na medida em que cada estudante ganhou o dinheiro necessário para pagar a sua escolaridade no Seminário de Florença.

Nova Indústria no Seminário de Collonges

O irmão Frederico Zurcher, do Seminário de Collonges, lançou naquela escola uma nova indústria, na qual trabalham pelo menos vinte alunos. Trata-se do fabrico de quebra-luzes artísticos. As encomendas para a compra destes artigos chegam de lojas importantes de várias cidades francesas.

Capela Dedicada em Collonges

A capela instalada na cave do dormitório das jovens, no Seminário de Collonges, foi aberta e dedicada oficialmente, em Outubro último, com a presença do Pastor Edwin Ludescher, presidente da Divisão, que fez uma breve alocução a propósito. Este novo salão de culto, decorado com muito gosto, mostrando os símbolos da pomba e da candeia, comporta cento e vinte pessoas e completa as obras de construção daquele magnífico edifício do Seminário.

do mundo adventista

Nova Sede de Associação em França

Os escritórios da Associação do Sul da França foram já transferidos para o seu novo edifício, nos subúrbios de Montpellier, não muito longe das instalações do novo lar para pessoas idosas.

Mais Colportores para a França

Registaram-se na Associação do Sul da França vinte novas inscrições para o trabalho de colportagem, na maioria de jovens. O objectivo daquela Associação é ter pelo menos um colportor regular onde quer que exista uma igreja, havendo um vasto território por penetrar.

Clube Luso-Brasileiro de Desbravadores nos Estados Unidos

Organizou-se em Julho do ano passado o primeiro Clube de Desbravadores Luso-Brasileiro na América, durante um acampamento de fim-de-semana, em Berkshire, Wingdale, New York. Durante a cerimónia, 20 desbravadores, com os seus dirigentes, todos em uniforme, apresentaram um programa especial, contando a história da origem do clube.

O Clube de Desbravadores Luso-Brasileiro começou em Newark, New Jersey, onde Abner Ramos e esposa foram chamados a trabalhar. O filho do casal tinha sido membro do Clube de Desbravadores da igreja do Sanatório de Takoma Park, em Maryland, e pediu aos pais para começar um clube luso-brasileiro na igreja de Newark.

A irmã Ramos aceitou o desafio. Comprou o Manual dos Dirigentes de Desbravadores e o Manual dos Dirigentes M. V., leu-os ambos e então chegou à conclusão de que precisava de tirar o curso de Chefe-Guia, para o qual se preparou juntamente com duas outras pessoas, recebendo a investidura em 1976. Logo a seguir iniciaram a actividade do clube.